

Dominação Capitalista e Ação Revolucionária

Renan Gonçalves Rocha¹

E-mail: renanupis@bol.com.br

La philosophie represente la
lutte des classes dans la
théorie²

Introdução

Neste texto será examinado de que maneira surge na relação entre capital e trabalho a possibilidade de se construir a alternativa para além do capital. Isto é, a hipótese deste artigo é que a partir momento que a força de trabalho se integra a dinâmica reprodutiva do capital ela torna-se um elemento indispensável a essa dinâmica e, conseqüentemente, passa a ser um elemento determinante para continuidade do sistema capitalista. Dizer que um dos elementos determinantes para continuidade do capitalismo é a força de trabalho do trabalhador, significa dizer também que a possibilidade de ruptura também está nas mãos dos trabalhadores. Desse modo, pode-se afirmar na mesma direção de Marx que o capitalismo produz contradições que viabilizam sua destruição.

O processo de subsunção do trabalho pelo capital

O processo de subsunção do trabalho pelo capital é uma relação necessária para a formação do sistema produtivo vigente. O sistema capitalista cria um círculo vicioso no qual o trabalho objetivado na produção de mercadorias – trabalho de caráter alienado – produz o capital. O trabalho uma vez objetivado e, portanto, convertido para forma mercadoria, isto é, integrado a dinâmica reprodutiva capital, retorna contra o trabalhador de

¹ Renan Gonçalves Rocha é mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

² “A filosofia representa a luta de classes na teoria” (Althusser, 1968:45)

forma completamente hostil a ele. Essa dinâmica circular opera como condição imanente às relações capitalistas. Na verdade, ela é necessária para a extração do excedente de trabalho, pois é exatamente a forma M-D-M⁺ (M = mercadoria produzida pela força de trabalho, D = dinheiro, ou o processo de circulação de mercadorias e M⁺ = Mercadorias a mais, produzidas pela classe trabalhadora) que pressiona o alargamento da produção capitalista e a consequência é uma maior submissão do trabalhador a dinâmica do capital.

O processo de constituição circular do capital é, ao mesmo tempo, a condição necessária para existência do metabolismo produtivo do sistema e a possibilidade que se abre para sua derrocada. A problemática central posta por essa constituição circular do capital é o fato do capital ser totalmente dependente do trabalho. Tal dependência se explicita na necessidade das relações capitalistas de extração concomitante de mais-valia absoluta e relativa. Mas, por outro lado, é importante dizer que o trabalho não depende em absolutamente nada do capital. A relação do trabalhador assalariado com o capitalista privado não é uma relação de dependência e sim de dominação. É exatamente o fato de o trabalhador ser dominado (e não dependente) que se pode pensar a ruptura com o sistema do capital.

O relacionamento social estabelecido no capitalismo é que o trabalho explorado – e uma vez objetivado se torna trabalho morto⁴. O trabalho morto depende ininterruptamente do trabalho vivo (da força de trabalho) para que continue se reproduzindo como trabalho morto, isto é, trabalho objetivado. Em outras palavras, o capital necessita da constante extração de mais-valia – que é extraída da força de trabalho – para perpetuar sua lógica. É

3 M-D-M⁺: Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria a mais.

4 Vejamos como Marx aborda essa questão: “o capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa”. (Marx: 1988 179 -180)

importante dizer que o principal fator constitutivo de um sistema social de produção não é somente a capacidade que ele tem de fazer com que seu metabolismo se realize uma única vez, e sim a capacidade que ele tem de realizá-lo sucessivamente. Isso implica que o modo de produção capitalista (como qualquer outro) deve conseguir não somente as condições de sua produção, mas também de sua reprodução.

Para que o capitalismo se reproduza ele depende do elemento que pode viabilizar a sua destruição, pois ele depende do trabalhador e de sua força de trabalho. Como mencionado em outro momento do texto é o trabalho realizado pelo trabalhador que produz a mercadoria e permite sua circulação. Dessa forma, não é excessivo dizer que não há capitalismo sem trabalhador. Também não é excessivo falar que o capitalismo se constrói sobre uma base contraditória que permite sua superação.

Como exposto anteriormente é a partir da contradição entre trabalho vivo e trabalho morto, ou seja, da contradição entre capital e trabalho que se estabelecem às bases para a produção capitalista. O que se pode evidenciar com isso é que a ruptura como o sistema do capital existe, mas depende única e exclusivamente da ação revolucionária das classes produtoras de mais-valia. É importante evidenciar que esse processo de ruptura com o metabolismo do capital está no campo da possibilidade e não de uma determinação histórica necessária. Contudo, o que não se tem ainda como resposta é que tipo de ação (ou ações) dentro do contexto de uma unidade da classe trabalhadora⁵ possibilitaria tal revolução na atualidade?

Problema ambiental

⁵ A unidade de classe é uma questão fundamental, que seria um desdobramento da questão colocada, qual seja, que tipo de ação ou ações possibilitam o desenvolvimento do processo revolucionário? Vale dizer, que Marx defendeu tal unidade tanto na teoria como na prática, o que fica claro com a conhecidíssima frase do final do Manifesto do Partido Comunista: "proletários de todos os países, uni-vos!" (Marx, 2003: 105).

Partindo dessa contradição central entre capital e trabalho pode-se identificar outras contradições que se erguem na estrutura produtiva do sistema em questão. Uma contradição importante e extremamente atual é a relação entre produção capitalista e a concomitante devastação ambiental. O problema é que o processo produtivo capitalista tem como imperativo a acumulação sempre ampliada. Isso significa que quanto mais se consegue ampliar a capacidade de produção de excedente, mais vorazmente se busca uma reprodução ainda maior que a anterior.

O que não se deve esquecer é que se por um lado pretende-se a perpetuação de uma produção em escala sempre ampliada, por outro lado, surge como consequência inevitável à necessidade de ampliação de recursos para a produção. Uma vez que o capitalismo tem como pressuposto a reprodução infinita e o que se tem são recursos finitos de produção resta ao capital o aniquilamento dos recursos naturais disponíveis.

Para visualizar a devastação ambiental efetivada pelo sistema capitalista basta pegarmos somente o caso do Brasil. No Brasil alguns setores produtivos, demasiadamente importantes para a economia brasileira, como a agropecuária, as madeireiras e plantação de soja, simplesmente aniquilam os recursos naturais do país. Esses ramos de produção são responsáveis pela devastação de aproximadamente 1424 quilômetros quadrados por mês da floresta Amazônica (fato que ocorreu no mês de setembro do ano de 2007 que é uma média de destruição mensal da floresta)⁶. Vale dizer que esses setores produtivos também destroem os recursos naturais das outras regiões do país sem a menor preocupação com as consequências irreversíveis que esse tipo de prática pode acarretar.

⁶ A destruição da floresta Amazônica, se compararmos os dados como o ano de 2006, cresceu mais de 100%. Nos últimos 4 anos foram destruídas 77 mil quilômetros quadrados. Os pontos mais críticos de destruição da floresta estão diretamente relacionados com as madeiras. Os dados são do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e do grupo ambientalista Greenpeace.

Desemprego

Outro problema grave gerado pela estrutura reprodutiva do capital é o desemprego. Por fazer parte da estrutura produtiva do capitalismo, pode-se dizer que se tem o “desemprego estrutural”. O desemprego é um problema que aparece no mundo contemporâneo de forma crescente. Pode-se até dizer de seu caráter crônico⁷.

A cada renovação tecnológica mais trabalhadores são substituídos. A tendência passa a ser reduzir trabalhadores no interior das unidades produtivas. O desenvolvimento das forças produtivas causa a substituição de capital variável por capital constante⁸. Isso quer dizer que quanto mais capital variável é substituído por capital constante mais se gera um crescimento da população desempregada. Essa população desempregada significa trabalhadores desnecessários para o capital.

Com a generalização a maquinaria em todos os setores produtivos automaticamente cai o valor da mercadoria em todos os ramos da produção que ocorreu a generalização. Assim, os capitalistas devem buscar maneiras de produção que sejam mais eficientes. Ou melhor, os capitalistas devem buscar novas formas de se reduzir o valor da mercadoria. A redução do valor da mercadoria significa que se deve diminuir o valor da força de trabalho e a quantidade de capital variável utilizado. É importante dizer que não diminui somente a quantidade de tempo que um grupo de trabalhadores gasta para a produção da mercadoria,

⁷ Como diz Mészáros em seu livro *Século XXI Socialismo ou Barbárie*: “Agora a grave realidade do desumanizante desemprego assumiu um caráter *crônico*, reconhecido até mesmo pelos defensores mais acrílicos do capital como “desemprego estrutural”, sob a forma de autojustificação, como se ele nada tivesse que ver com a natureza perversa do seu adorado sistema”. (Mészáros, 2003:22)

⁸ Marx analisa, de maneira brilhante, o processo de substituição do capital variável pelo capital constante em seu livro “O Capital”, essa substituição se torna mais interessante principalmente quando se estabelecem limites para a jornada de trabalho, como a lei fabril inglesa de 1844. O fato é que para se intensificar a produtividade é necessário que se consiga métodos que possibilitam uma repetição tão veloz que se torna quase impossível que a ação humana consiga efetivar o ritmo de produção exigido, com tamanha velocidade, então, se faz necessário a transformação da força de trabalho em acessório da maquinaria, e conseqüentemente, a substituição do capital variável pelo capital constante.

diminui-se também a quantidade de trabalhadores. É dessa forma que ocorrem os novos desenvolvimentos tecnológicos que estão sempre prontos para tornar o trabalhador assalariado em população desempregada. No entanto, para aqueles que conseguem um emprego o que resta são os baixos salários e a uma jornada de trabalho completamente desumana. É dessa forma que o capitalismo consegue fôlego para sua existência. O capital só respira com tranquilidade quando subjuga o trabalhador a condição de mercadoria.

Discutindo as alternativas

Poder-se-ia indicar outras contradições da lógica do capitalismo. Entretanto, as contradições mencionadas são suficientes para mostrar a gravidade e a urgência dos problemas que se deve enfrentar nas décadas que se seguem.

É importante pensar as contradições do sistema capitalista para mostrar que a estratégia socialista deve sair da defensiva, isto é, da subestimação do potencial revolucionário da classe trabalhadora organizada, e partir para uma ofensiva de classe que de fato rompa com o capital.

O caráter defensivo da estratégia socialista se caracteriza pela luta de resistência contra as consequências do sistema atual. Contudo, não radicaliza suas ações no sentido de ir para além dos limites do capitalismo. Marx crítica essa postura que muitas vezes se expressa no movimento sindical. A posição política de Marx fica explícita em seu texto

Salário Preço e Lucro:

Os sindicatos trabalham bem como centro de resistência contra as usurpações do capital. Falham em alguns casos, por usar pouco inteligentemente a sua força. Mas são deficientes, de modo geral, por se limitarem a uma luta de guerrilha contra os efeitos do sistema existente, em lugar de empregarem suas forças organizadas como

alavanca para a emancipação final da classe operária, isto é, para a abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado.⁹

É importante considerar que as lutas sindicais mesmo no campo defensivo são necessárias para o amadurecimento prático da organização sindical. Inclusive, antes de Marx evidenciar essas deficiências dos sindicatos ele ressalva a importância das lutas de resistência. Vale dizer que o texto *Salário Preço e Lucro* é em si uma defesa das lutas de resistência. No entanto, é claro que Marx, que era revolucionário, não poderia deixar de indicar as limitações de tais lutas.

Outras organizações limitadas são os movimentos de questão única, de emancipação política, como por exemplo, os movimentos de gênero e de discriminação racial etc. Estes movimentos têm como divisa a “inclusão social”. O lema conservador já demonstra que tais movimentos, por partirem de premissas equivocadas, não podem ultrapassar em suas ações os limites das reivindicações reformistas.

A problemática principal desse tipo de organização é que desprezam as relações de classes imanentes à lógica do capitalismo. Esses movimentos de questão única compreendem seus problemas de grupo como se estivessem dissociados da problemática de classe. Os movimentos de questão única acreditam que as ações autoritárias imanentes às relações capitalistas se referem somente a grupos específicos e não aos explorados em geral. Ou melhor, sequer compreendem a relação entre o despotismo do capital com os problemas que lhes afligem, como que se uma lógica movida por pressupostos autoritários e de desrespeito ao outro não contribuíssem com o desenvolvimento de relações sociais que também são autoritárias e que não pressupõem o outro.

⁹ Marx, 1982: 184 - 185.

O que não se deve esquecer é que a produção é uma relação social que se desdobra em outras relações sociais fora da produção. Tais relações que ocorrem fora da produção são diretamente determinantes e determinadas pelas relações produtivas. É nesse sentido que as lutas a serem travadas em questões específicas (como fazem os movimentos de questão única) erram por não compreenderem a totalidade do problema. E exatamente por não compreenderem que suas lutas específicas dependem das lutas gerais não conseguem formular uma alternativa abrangente ao sociometabolismo do capital.

Os movimentos de questão única são muito semelhantes ao movimento sindical. Principalmente pelo equívoco de seus pressupostos, pois ambos lutam incansavelmente pelo fim de consequências geradas pela estrutura produtiva e nunca pelo fim do capitalismo. Essa semelhança faz com que, tanto o movimento sindical que é limitado às lutas salariais, quanto os movimentos por quaisquer reivindicações isoladas se unirem nas lutas que Marx chamou de lutas de “emancipação política”.

Marx, em *A Questão Judaica*, mostra claramente o que vem a ser a “emancipação política” quais seus limites, sua importância, e qual a diferença em relação à “emancipação humana”. As palavras são as seguintes:

não há dúvida que a emancipação política representa um grande progresso. Embora não seja a última etapa da emancipação humana em geral [...].¹⁰ Toda emancipação é a redução do mundo humano, das relações, ao próprio homem.

A emancipação política é a redução do homem, de um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduos egoístas independentes e, de outro, a cidadão do estado, a pessoa moral.¹¹

¹⁰ Marx, 2003: 24

¹¹ Marx, 2003:42

Vale dizer, que para Marx a emancipação política significa a emancipação em relação a velha sociedade feudal – como ele mesmo diz: “A emancipação política é simultaneamente, a dissolução da velha sociedade em que repousa o estado alienador e a dissolução do poder senhorial. A revolução política é a revolução da sociedade civil. O que caracteriza a velha sociedade? Uma simples palavra, o feudalismo.” (Marx, 2003: 39) – mas também não deixa de significar as conquistas que não ultrapassam os limites da sociedade burguesa.

A questão que parece central para todos que lutam por outro mundo que não é somente possível, mas também se faz necessário é a seguinte: como ultrapassar as reivindicações que se limitam às modificações superficiais, e nesse sentido, direcionar as ações para uma ruptura como o sistema capitalista? Esse desafio (a meu ver) está posto para todos os que lutam pelo socialismo e uma resposta prática a essa questão é de extrema urgência.

Referencial Bibliográfico

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiro de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

ALTHUSSER, Louis. Positions. Paris: Editions Sociales. 1968.

BARBOSA DE OLIVEIRA, Marcos. X Teses Sobre O Socialismo. São Paulo: Cemarx – Unicamp. 2005.

BERNARDO, João. Democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana. São Paulo: editora Cortez. 2004.

DAGNIMO, Renato e NOVAES, Henrique. As Forças Produtivas e a Transição ao Socialismo: Contrastando as Concepções de Paul Singer e István Meszáros. São Paulo: Cemarx - unicamp. 2005.

DOS SANTOS, Theotônio. A teoria da dependência: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira. 2000.

_____. Do terror à esperança: auge e declínio do neoliberalismo. São Paulo: editora idéias e letras. 2004.

IANNI, Octavio. A ditadura do grande Capital. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira. 1981.

_____. Estado e capitalismo. São Paulo: editora brasiliense. 1989.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret. 2004.

MARX, Karl. Contribuição a crítica da economia política. Trad. Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: editora Martins Fontes. 1983.

_____. O Capital Crítica da Economia Política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. Salário Preço e Lucro. Trad. Edgar Malagodi, Leandro Konder, José Arthur Giannotti, Walter Rehfeld. São Paulo: editora Abril Cultural.1982.

_____. O Dezoito Brumario de Louis Bonaparte. Trad. Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Editora Centauros. 2000.

_____. Manuscritos econômicos filosóficos. Trad. Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret. 2001.

_____. A Questão Judaica. Trad. Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Editora Centauros. 2003.

_____. A guerra civil na França. São Paulo: Global editora. 1986.

MÉSZÁROS, István. O Século XXI socialismo ou barbárie?. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial. 2003.

_____. Para além do Capital. Trad. Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial. 2002.

_____.Marx: A teoria da alienação. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editorial. 1981.

_____.O poder da Ideologia. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial. 2004

SAES, Décio. Democracia. São Paulo: Editora Ática. 1993.

_____. República do Capital. São Paulo: Boitempo Editorial. 2001.